

proposta(s) deste livro, pela transdisciplinaridade que o atravessa e pela claridade do seu exercício intelectual, ou seja a estrada larga de a partir da corporalidade estabelecer trajectórias de interrogações que o elevam ao estatuto de filosofema de interminável resolução.

Se reconhecemos que é indispensável ler este livro, não queremos deixar sem referência a bela capa, a partir de um quadro de Rita Pereira Marques. Nada aqui é insignificante, anda tudo ligado. Onde o corpo se abra em ferida, ressoa também uma outra Tocata e Fuga, para dentro e fora de nós mesmos.

**José Henrique Dias**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Carlos Amaral Dias. 2003. Modelos de Interpretação em Psicanálise. Coimbra: Almedina. 136 pp. ISBN: 972-40-1891-1.**

*Modelos de Interpretação em Psicanálise*, de Carlos Amaral Dias, prolonga e desenvolve um livro anterior, de 2001, *Da Interpretação em Psicanálise*, obra essa de circulação restrita, epigramática e muito hermética. A obra presente beneficia de ser a transcrição de um seminário e, à semelhança das últimas obras, é na oralidade que o autor ganha leveza, memória e imaginação. Isto é, uma *palavra alada*.

Os antigos não davam importância aos livros. Pitágoras não escreveu voluntariamente. Ele queria que o seu pensamento sobrevivesse à sua morte física na mente dos discípulos. Daí a expressão: *O mestre disse-o*. Platão pretende corrigir a *mudez* dos livros, inventando os diálogos e foi, também ele, um autor oral. Ainda a propósito, o testemunho mais notável é o de Séneca. Nas suas cartas a Lucílio, há uma dirigida a um indivíduo muito vaidoso, de quem se diz que possuía uma biblioteca com cem volumes e quem – interroga-se Séneca – pode ter tempo para ler cem volumes?! Claro que hoje não é assim. Valorizamos as bibliotecas e os livros. E, como escreveu Borges, ‘um livro tem de ir mais longe que a intenção do seu autor’. Penso que esta obra de Carlos Amaral Dias o consegue. E consegue-o com *sageza*. Porque, na prática, critica um saber que seja apenas saber. Ela estabelece, como diria

Eduardo Prado Coelho, ‘uma relação de equilíbrio e reconciliação com o corpo daquele que sabe; uma relação com a memória do mundo e com o que nela se acumulou de uma sabedoria implícita, uma relação de abertura e disponibilidade para ouvir a palavra do outro’. E é só neste enquadramento que o saber tem algum sentido.

Emerson dizia que ‘é o bom leitor que faz um bom livro’. Não pretendo, assim, dest’arte, resumir, simplificar, escolarizar, o conteúdo desta obra; tarefa essa rebarbativa. O livro está aí para ser lido e para ser transformado de produto duradouro em produto não duradouro. São as (suas) margens e não o rio que nos interessam.

Sabemos que, desde Aristóteles, interpretar é dar um sentido. Podemos ainda considerar que o desafio maior da interpretação é a inevitabilidade de ter de interpretar a interpretação. E isto porque a fala e o próprio corpo que a exprime são já, provavelmente, uma forma primordial de interpretação. Onde há interpretação não há apenas *logos*, mas também *mito*. Se o mito parece, em primeiro lugar, possuir uma função imaginária, ‘ele faz com que o homem relacione o mundo onde habita com outros mundos, tentando, assim, dilatar o exercício da compreensão e do pensamento’. Esta ambivalência do mito, escreve José Manuel Heleno (*A Experiência Sensível*), ‘é reconhecida pela alegoria. É preciso, então, penetrar no mito e descobrir um sentido oculto para além do manifesto, pois, onde há mito, há, invariavelmente, algo que indica a espessura da realidade’.

Freud partiu de três vectores fundamentais: 1. A interpretação do sonho e do sintoma neurótico. 2. A interpretação da cultura. 3. A introdução da pulsão de morte. Paul Ricoeur, no *Conflito das Interpretações* (1969), mostra que há sempre dois universos de discurso a percorrer na psicanálise: *a linguagem da força e a linguagem do sentido*. E é aqui que Ricoeur, e penso que Carlos Amaral Dias (de certo modo), ao contrário de Jacques Lacan, insiste no facto de o freudismo não se poder reduzir a uma semiologia. *É que são as palavras que são tratadas como coisas e não o inverso*.

Em 1900, em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud apresenta uma concepção do aparelho psíquico que não está obcecada com a ‘anatomia’ (como no *Projecto*), oscilando entre uma representação real e uma representação figurada. Estas duas modificações exprimem

uma transformação mais radical que afecta a relação entre, de um lado, a explicação tópicco-económica e, do outro, a interpretação. É, por isso, que a explicação se deve subordinar à interpretação. É ainda no sonho que o compromisso entre a força e o sentido – entre energética e hermenêutica – se revela. Ao ser um trabalho, justifica-se que o sonho faça apelo a um trabalho de interpretação que lhe corresponda.

Citando o autor, podemos dizer que ‘interpretação é interpretação dos sonhos e o psiquismo é sonho’. O sonho é um modelo *paradigmático*, é o modelo de base de toda a fundamentação da *Deutung*. O conceito de interpretação aparece-nos, pois, como técnica maior e angular da psicanálise. No entanto, diz-nos o autor, ‘a psicanálise, deve evitar a insistência na fundamentação hermenêutica romântica, que se inscreve como fundo na tecitura metapsicológica, para se colocar no rigor hermenêutico de compreender – interpretar – dessubjectivar – factualisar – *transformar*’.

Este livro apresenta-nos um método analítico para fazer falar os textos freudianos, kleinianos, bionianos, para fazer circular o sentido, a fim de, sem parar, *desconstruir* a estrutura aparentemente fechada e rígida do aparelho conceptual. O autor é lapidar quando escreve: ‘Sem teorias psicanalíticas não há psicanálise. Saber as teorias psicanalíticas é essencial. Mas só se pode saber uma teoria psicanalítica quando se ‘psicanalizou’ psicanaliticamente a teoria psicanalítica. Ou seja: qual é o lugar em que o psicanalista passa a ser psicanalista? É quando o psicanalista tem uma metapsicanálise da psicanálise. Há uma metapsicológica e há uma metapsicanálise. O analista que sabe lidar psicanaliticamente com as teorias psicanalíticas sabe, ele próprio, trabalhar psicanaliticamente as teorias. Não sabe a teoria do Édipo, sabe, psicanaliticamente, a teoria do Édipo. Sabe colocar o Édipo no divã. Não é colocar o Édipo do paciente, é colocar o mito de Édipo no seu divã mental. O analista que não construa ou não reconstrua, por sua própria conta as teorias psicanalíticas, não é um psicanalista. E é essa capacidade de lidar, psicanaliticamente, com as teorias psicanalíticas que define a génese da interpretação psicanalítica’.

Estou de acordo. E também estou de acordo com Pontalis (*Entre o Sonho e o Ser*), que

aqui se encontra: ‘O trabalho teórico deveria ser apenas o retomar pelo pensamento das forças que operam na psique, na qual já se ‘trabalha’ e se ‘teoriza’ aquilo que a excita.’ E, como qualquer aparelho, o aparelho teórico ganha em não funcionar bem demais.

Esta obra é um lugar de referências partilhadas: Freud, Klein, Bion, algum Lacan & outros omissos mas implicados. Carlos Amaral Dias, porém, tal como Pierre Menard autor de Quixote – na quimera Borgesiana – cria, também, os seus percursos. Assim, Freud, Klein ou Bion não são agora Freud, Klein ou Bion, mas criação amaraldiana que lhes outorgou resignificação e lugar. A terminar gostaria de acordar um dito de M. Blanchot: *são precisos sempre dois para dizer uma só coisa, porque quem a diz é sempre o outro*.

**Vasco Tavares dos Santos**

**Maria Isabel Clímaco e Luís Moura Ramos. 2003. *Álcool, Tabaco e Jogo: Do Lazer aos Consumos de Risco*. Coimbra: Livraria Quarteto. 260 pp. ISBN: 989-558-018-5.**

Realizou-se em Coimbra, a 23 e 24 de Janeiro de 2003, uma conferência subordinada ao tema ‘Álcool, Tabaco e Jogo – Do lazer aos Consumos de Risco’, onde estiveram presentes vários especialistas nestas matérias, nacionais e estrangeiros, da administração pública e das áreas da economia, do direito, da psiquiatria, psicologia e sociologia, com a preocupação de tratar a problemática dos consumos de risco de um modo interdisciplinar. Dos resumos das intervenções dessa conferência – que foi subdividida em quatro, a que chamarei apresentações, subordinadas a outros tantos temas, e com os contributos em forma de comentário dos moderadores dos diversos debates após cada uma das mesmas apresentações – surgiu este livro, compilado pelos Professores Maria Isabel Clímaco e Luís Moura Ramos. A aparente dificuldade de tratamento de disciplinas tão variadas, numa espécie de Torre de Babel do conhecimento, foi resolvida pelos autores de um modo claro, sem deixar de ser rigoroso. Para além da forma clara e acessível como está escrito, o livro é, sem dúvida, uma excelente base para quem se inicia nestas matérias, uma vez que a referida interdiscipli-